

A ARTE DE DOBRAR FRONTEIRAS

THE ART OF FOLDING BORDERS

Jose Enrique Porras

Artista Plástico

Mestre em Producción Artística

Universidad Politecnica de Valencia, Espanha

École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris

Guilhermo Aderaldo

Doutor em Antropologia Social

Universidade de São Paulo

Une ville: de la pierre, du béton, de l'asphalte. Des inconnus, des monuments, des institutions. Mégalo-poles. Villes tentaculaires. Artères. Foules. Fourmilières? Qu'est-ce que le cœur d'une ville? L'âme d'une ville? Pourquoi dit-on qu'une ville est belle ou qu'une ville est laide? Qu'y a-t-il de beau et qu'y a-t-il de laid dans une ville? Comment connaît-on une ville? Comment connaît-on sa ville?

Méthode: il faudrait, ou bien renoncer à parler de la ville, à parler sur la ville, ou bien s'obliger à en parler le plus simplement du monde, en parler évidemment, familièrement. Chasser toute idée préconçue. Cesser de penser en termes tout préparés, oublier ce qu'ont dit les urbanistes et les sociologues (...) (Perec, 1992, p. 85)¹.

¹ "Uma cidade: da pedra, do concreto, do asfalto. Dos desconhecidos, dos monumentos, das instituições. Megalópoles. Cidades tentaculares. Artérias, multidões, formigueiros? O que é o

Conforme disse Michel Agier (2011, p. 159), é quando “o invisível da cidade dialoga com sua matéria visível” que vemos surgir os espaços urbanos na sua forma mais nobre, pois relacional. Algo particularmente claro em Paris, onde a monumentalidade do espaço urbano é rodeada pela mobilidade gerada pelos efeitos perversos de uma topografia política excludente, responsável pela geração de fluxos de moradores de rua, vendedores ambulantes, imigrantes ilegais e desempregados, que lutam por espaço em meio aos circuitos endinheirados do turismo.

Cinco miniaturas da torre Eiffel produzidas na China custam “somente um euro”, grita o ambulante de descendência africana. Alguns metros embaixo dele, num corredor do metrô, a plaquinha de “*j’ai faim*”² desafia os olhares dos turistas que, caso consigam vencê-la sem colocar as mãos nos bolsos, dividirão espaço no vagão do trem com os incontáveis músicos que tocam por uma “*petite pièce*”³. A dobradura desses mundos parece configurar territorialidades próprias, que tendem a nos contar a história da Paris (e do mundo) de hoje muito melhor do que os livros de “história”.

E que tipo de arte pode revelar-se no momento em que tentamos aferir visibilidade a essas fronteiras simbólicas (e políticas), surgidas dos espaços intersticiais que se desdobram nestas zonas liminares? Que tipo de ação artística pode fazer buracos nas barragens que impedem o livre curso do rio caudaloso e violento que parece estar contido por estas fronteiras? Foi esse o ponto de partida que incentivou um diálogo frutífero entre as linguagens da arte e da antropologia, cujo resultado é o trabalho que apresentamos aqui.

coração de uma cidade? A alma de uma cidade? Por que dizemos que uma cidade é bonita ou feia? O que há na cidade de belo ou feio? Como conhecemos uma cidade? Como conhecemos uma cidade? Método: Seria preciso deixar de falar da cidade, de falar sobre a cidade, ou então se obrigar a falar simplesmente sobre o mundo, falando, evidentemente, familiarmente. Desfazer-se de todas as ideias preconcebidas. Deixar de pensar em termos prontos, esquecer aquilo que dizem os urbanistas ou sociólogos." (Tradução: Guilherme Aderaldo).

² “Tenho fome!”

³ “moedinha”.

O vídeo e as séries de fotografias expostos, registram algumas das performances do artista mexicano Jose Enrique Porras. Tal iconografia, porém, não revela objetos ou simples imagens estáticas, mas ações. Valem mais pelo que buscam fazer refletir do que por suas formas pictóricas.

Foram as possibilidades de configurar ações espontâneas que pudessem simbolizar as fronteiras moduladas pelos processos dinâmicos que constituem (a contrapelo dos interesses governamentais e urbanísticos) as formas atuais do urbano, que determinaram o uso dos materiais (gesso, madeira, tapetes e sobras deixadas no lixo) encontrados durante nossas caminhadas pelas ruas da capital francesa.

Aqui a “cidade” não é apenas um pano de fundo, nem um modelo administrativo que se esgota em sua forma conceitual, mas um verdadeiro ator, que se configura no sentido simbólico dado à forma (inesperada) com que os elementos trabalhados interagem com o espaço.

A busca por causar uma espécie de “efeito tetris” – onde a utilização de um elemento na estrutura da paisagem a ressignifica por completo –, por exemplo, quando um tapete é retirado do lixo, cortado e reaproveitado *in situ*, adaptando-se ao espaço estreito e irregular de uma calçada, teve por objetivo representar artisticamente o lugar político das fronteiras nos processos de constituição das cidades contemporâneas.

A exemplo do que dizem autores como Marc Augé (2010, pp. 19-26) e Michel de Certeau, 1994 [1980], p. 214, a noção de “fronteira” caracteriza-se como uma categoria que se encontra “no cerne da atividade simbólica” (AUGÉ, 2010, p. 19), justamente pelo fato de funcionar como um dispositivo que regula as relações (hierarquizadas) entre aqueles que se veem demarcados pelos limites que ela estabelece.

Neste sentido, ao buscar tornar as fronteiras visíveis, fazendo o “lixo” de Paris incorporar-se à sua monumentalidade, o artista, ao mesmo tempo em que provoca o olhar dos cidadãos que se aproximam, aponta para o fato de que as cidades também nascem de suas margens. Trata-se, portanto, de uma arte que busca revelar a cidade, justamente na medida em que a esquece.







72



Referências citadas

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos, Ed. Terceiro Nome, São Paulo, 2011.

AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade, Ed. Unesp/Edufal, Maceió, 2010.

DE CERTEAU, Michel. A Invenção do cotidiano: artes de fazer, Ed. Vozes, Petrópolis, 1994 [1980].

PEREC, Georges. Espèces d'espaces, Ed. Galilée, Paris, 1992.

Jose Enrique Porras

Artista Plástico

Mestre em Producción Artística

Universidad Politecnica de Valencia, Espanha

École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris

[Site Profissional](#)

Guilherme Aderaldo

Doutor em Antropologia Social

Universidade de São Paulo

[Currículo Lattes](#)